



POEMAS DE JUVENTUDE – I: O SENSUAL

Querida Cecília,

*Quase todos os poemas desta época foram queimados no colégio interno quando eu fugi de lá e de casa... No n. 4 do jornal **A Voz da Juventude** que eu fundei e publiquei entre 1955 e 1956, ao 15 anos de idade, saiu o seguinte soneto de minha autoria:*

LUZ

Erétil sobre o solo rochoso e casto
O negro farol sombrio e desprezado
Já não mais acende, tudo é nefasto
Seu destino é frio, sempre humilhado.

Então tudo mudou, não mais é casto
Aquele rincão de outrora desprezado.
Transformou-se, nas rochas floresceu o pasto
Outrora sozinho, agora é habitado.

Oh! Aquele asilo, calmo, era escondido
Solitário sob o céu estarecido
Vivendo agora feliz, tudo enfim produz.

É este meu coração dantes esquecido
Que era o farol tão pobre e desprotegido
Que reviveu e nas trevas nasceu luz.

O tipógrafo encontrou um clichê com a inscrição "À MEIA LUZ" e publicou o poema com o título trocado...

Eu era um menino solitário, vivendo numa cidade do interior (Nova Iguaçu), sem muito ambiente familiar no tocante à literatura e menos nos meus círculos de colegas, salvo um que outro professor ou jornalista com os quais me relacionava. Era uma fase de autodidatismo cego, sem muito discernimento. Lia apenas o que estava ao meu alcance e era muito pouco...

Em fevereiro de 1957 escrevi:

“Quisera ser o homem que constrói,
planta cidades, semeia progresso.
Quisera viajar sem destino, conhecer
Terras dantes nunca percorridas.
Ter asas e voar eternamente,
Sem olhar o que deixasse atrás.

Poder ter forças suficientes
para destruir grilhões que me acorrentam”.

Naquele ano eu escrevi muitas folhas de diário, em cadernos baratos, cujos textos não apresentavam muita continuidade, eram anotações esparsas.

“Não sei por que, porém veio até mim um passado que já se perde na memória (...) Fragmentos da infância, talvez o melhor período de minha vida. Naquela época eu não raciocinava ou, para ser mais explícito, raciocinava pouco, e não enxergava as amarguras do mundo. Não tinha problemas, não conhecia os preconceitos que uns homens criaram para que outros obedecam. Era livre, tinha consciência tranqüila, sem saber da existência de complexo ou sexualidade”.

Minha cidade natal era tão simples como eu. Pequena, humilde, vivendo à beira de um rio claro, estreito, abandonado mas profundamente verdadeira e representativa do progresso daquela região do interior do Estado do Maranhão. Chama-se Bacabal (seu nome se deve à palmeira bacaba). Se lá havia corrupção, como dizem, eu era pequeno demais para compreender tais coisas e tomar conhecimento delas . [Hoje, relendo o texto, infiro que entendia por corrupção a existência de prostíbulos e do machismo que levava à prática dos amasiatos extra-conjugais].

Dos sete filhos de minha mãe, somente eu e minha irmã sobrevivemos. Ela estudava em Teresina, ficava hospedada na casa de um juiz, marido de minha tia.

Eu era, portanto, solitário, como ainda sou. Só me recordo de ter tido um único amigo, ou seja, companheiro de peraltices. Chamava-se Clodoaldo. Era um menino ainda mais pobre do que eu, submisso e atendia ao menor dos meus desejos.

1958. Produzi muito neste ano. Peças de teatro, poesia, contos, em meio a alucinantes festas de rock ´n´roll, embora detestasse e amasse a efemeridade daquele mundo. Era um "transviado" consciente, com meu séquito. Eu já morava no Rio de Janeiro e começava vida nova, não provinciana, entre a favela e o esnobismo dos arranha-céus.

A influência de Roland Grau [um artista plástico chileno com quem eu convivia amiúde] sobre mim era muito grande, principalmente sobre os meus desenhos e escritos. Com ele eu ia a teatros, via bons filmes, exposições de arte e lia bons livros. Deixava definitivamente os "cânones clássicos" numa busca de novidades, ousada, destruindo mais que construindo, numa atitude quase dadaísta.

É lógico que um rapaz que atingia os 18 anos, ganhando a maioridade, perseguisse essa liberdade até às últimas conseqüências. E que tendesse para o narcisismo.

“Amo estes teus olhos
-mar de experiências-
profundos, refletidos
no espelho
que sou Eu”.

Os poemas desta época levaram o nome geral de “**Mar de Horas**”, título um tanto banal, um tanto lugar-comum, representando a ânsia de viver, e a angústia conseqüente, consubstanciando aquilo que mais tarde eu chamei de “combustar o tempo”.

Escreveu Roland a respeito de Mar de Horas palavras de encorajamento, no “prefácio” do exemplar único do poemário que ele ilustrou com tanto talento:

“Tengo a bien primero, el privilegio de conocer intimamente, y luego de presentar a Uds. Eros Da, Nirham.

Normalmente um objetivo de esta natureza tiene por movil el encómio de las facultades inherentes al presentado. Se decir que él es mi amigo me crearán

quizá influenciado por razones de simpatía. Para evitar el equivoco diré que gusto mas de Da, Nirham por lo que de él emana, porque justamente em sus trabajos es donde me hace “pensar” e sorprende.

Como persona es aun um muchachito em evolución. Es como si dicese que tiene por dentro dos corrientes: una que corresponde al desarrollo normal y outra ya adulta que escribe poesia y pinta. Em algunos casos el niño colabora con el adulto y tal característica se manifiesta a menudo em su producción como una nota simpática. Él próprio se divierte mucho con sus cosas y de sus ocurrencias, pero el “niño travieso” también acaba poniendose serio al final. Con tal, no se puede decirse que fuese un niño prodígio, ya que su fórmula constitutiva es la de prodígio y muchacho por separado.

Artistas, son formados por millares en el candente crisol de las vocaciones. Pero artista verídico, ya nace siendolo. Cuando así sucede, viene la criatura presumida de la rara estrella de los genios, aquel singular y precioso distintivo que lo hace contemplar las cosas del mundo de un modo tan diferente cuanto profundo. Si hay una cualidade positivamente indiscutible em mi pupilo, es el hecho de evidenciar esse algo especial que lo distingue entre los privilegiados.

Veo em Eros las sinuocidades de mi próprio sendero, o sea las de todo aquel que busca su definición cabal. Quien sufrió esta evolución sabe como es mutable el colorido del camino. Cuando lean “Mar de Horas”, el autor tendrá ya avanzado mucho y mejorado por consiguiente. Tan lógico estado de situación no deven ignorarlo quienes lo critiquen. Él está ávido de vuestros pareceres, acojanlo, precisa de Uds. como todos precisamos, unos de los otros. Sean lenientes.

Hay em “Mar de Horas” altibajos que serán corregidos paulatinamente. Los altos son magníficos, a los bajos démosles tiempo, es de madurez que necesitan.

Todo espíritu artístico siempre tiene em si cierta disposición a los temas lóbregos y es aqui donde mas resalta la característica que mas distingue Eros. Mistura com sutileza festivoirónica todo cuanto otros se empeñan em hacer tétrico, logrando con eso un juego de matices de gracioso equilibrio. Intervención del niño travieso, talvez. Si es, deseóle que jamas pierda esa dosis de encanto infantil em el fondo de si.

Señores. – Hágoles la simbólica entrega de una preciosa Lumbre.

No la ofusquen.

Incentívenla

Roland Grau

*Cecília: como pode ver, muito amável a apresentação. Deu a exata idéia do quanto nos identificávamos. Esta amizade durou muito e hoje "não afinamos bem" por razões estéticas e ideológicas". [Queria dizer que tinha discussões com ele, principalmente por causa de meus radicalismos estéticos e políticos daquele período de minha vida]. **Mar de Horas** engloba a minha produção de boa parte do ano de 1958. A seguir meu primeiro poema modernista, ou seja, de verso livre:*

TRANSIÇÃO

Morte

negra e cintilante

incensos de Hamlet

olhos mefistofélicos

gestos de sílfide

Esguia e marota...

Dramática, triangular, etérea.

Galáxias e magia negra.

Abrço de bruxa desdentada em noite escura,

noite escura como as noites de divagação e tédio.

Negra, triste, noite, tédio, morte.

Triste.

Mulher moribunda,

cadavérica, desnuda como a própria alma...

Teatro de formas, de luz, de reflexão.

Mulher desgrenhada, voltada para si.

Passado e presente.

Só.

Consciência? Consciência.

Peso de pecados de formas e cores várias.

Mar de pranto, sulco de lágrimas.
Cânticos de anjos: foi mãe,
silvo de cobras: foi cobra;
foi cobra e foi mãe.

Linha reta,
traço de união.
Assimetria de linhas de dor e medo,
átomos e confusão de matéria.
Aqui o presente.
Lá...

Foi cobra e foi mãe
Traço de união
-aqui o presente e lá...-
entre o nada, a vida e o nada, o além...
Desintegração de células...
Foi cobra e foi mãe.

Ao contrário das minhas primeiras "poesias", no período de 58 abandonei o lado estritamente material do meio-ambiente, buscando definição para as coisas abstratas e para as questões do ser humano. A auto-afirmação. Poemas que muitas vezes parecem repetir uma série de invencionices sobre coisas triviais, porém que, com alguma ironia, é a própria contradição. Em "Sonho" eu nego o espírito, a pré-existência, colocando tudo nos termos da emanção da inteligência, ou melhor, da subconsciência. Eu, a esta altura, já me perguntava sobre a existência da deidade, sem nenhuma convicção religiosa.

SONHO

Sonho.
Que é sonho?
Metáforas... nuvem hipnótica,
Transe e inconsciência...

Efígie de mulheres muitas.
Estado emocional imerso e imenso. Apocalíptico
ou flor do Olimpo?
Ou reino de Satanás?

Sonho: mulher.
Mulher: sonho e pesadelo, fluídos magnéticos e transe.
Sonho é teatro de símbolos, onde os símbolos atuam
em cenários múltiplos.
Sonho é peso de estrelas, encarnação.
Sonho: livro aberto de situações comuns estilizadas e
acentuadas
montanhas entre a vida e morte,
outra existência dentro de nós mesmos.

Eu lia muito, sobretudo os livros da Biblioteca Pública do Rio Comprido. O poema a seguir já denota a influência do surrealismo sobre mim. É importante frisar que eu li poucos poemas dos surrealistas, a influência foi mais através das pinturas de Roland e dos livros dos artistas como Salvador Dali que eu conhecia pelas reproduções de gravuras.

ARCO-ÍRIS

vem
vou mostrar-te com lentes de fantasia,
as cores, dos píncaros da mais alta montanha de sonho
-a transparência etérea – o arco-íris.
tu me dirás:

“tenho os olhos vendados”.
que é cegueira? não é suplício, trevas de ignorância?
que é amor? não é conhecimento, centro de interesses?

nas cem camadas de trevas,
entre estátuas de mármore amarelo,
o amor se refugiou.

Em casa eu me banhava ao sol, nu, no terraço da casa, quando mamãe não estava, razão porque “meu coração é deserto”, enquanto ouvia música clássica, imaginando o mar. [Eu vivia no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, longe do mar, ainda sem os túneis que encurtaream as distâncias]. A idéia de espelho, muito do simbolismo narcisista, estava sempre presente.

Imaginava personagens que coabitavam o meu mundo, e tinha uma certa propensão ao masoquismo. Não era muito feliz, embora tivesse meio mundo me adulando, gente que eu recolhia na mediocridade das festas de “rock”. Odiava e amava aquele mundo.

ODE À TRISTEZA

Não sei porque a tristeza
veio morar comigo.

Sou sozinho
me acompanham espectros
imaginários.

Palco de tragédias
de dramas,
todo
bom ator é feliz
com o personagem

que acredita,
não há quase matiz;
o mundo interior é maior.

As situações convencionais
são outras, e as desprezo
por isso vou pouco além de mim

*Na mesma época, escrevi dois cadernos de poesias intitulados **Castanha Viva**, dedicados a um amor “pagão” e, completando a idéia da tristeza, escolho alguns trechos:*

o tédio, solidão das multidões
que dançam e grita
que não vivem.

Eu amava a noite, mas não chegava a ser um boêmio pois nunca fui dado a bebidas, adorava festas, excursões e principalmente os bares freqüentados por intelectuais e artistas. Era amigo do Ziembinsky, um grande diretor de teatro – um dos responsáveis pela renovação do teatro brasileiro – e graças a ele eu ia a quase todos os grandes espetáculos da época, em que atuavam Tonia Carrero, Paulo Autran, Cacilda Becker, Clyde Yaconis, Dulcina de Moraes além do teatro de escracho, do teatro rebolado, das revistas carnavalescas, eu ia a tudo sem nenhum preconceito. Era uma espécie de universidade aberta embora eu também freqüentasse cursos de dramaturgia, mímica, oficinas de poesia e as palestras do Pen Club do Brasil, e publicava trabalhos em jornais do Rio e de Petrópolis.

No plano mais íntimo, eu continuava tímido embora ninguém se desse conta pois sempre revelei uma personalidade extrovertida que me custava muito sustentar. Sempre fui muito “distanciado” de grupos, contemplativo em reuniões, observador em festas mas venço tudo isso quando sou o centro das atenções, quando tenho o desafio de falar em público. O problema é só começar...

De minha posição, nem sempre modesta, era normal que eu me dividisse pelos mais variados temas, em busca de uma definição geral para as coisas que me atraíam.

“Os homens são fantoches sem vontade,
sem esperança,
em luta contra o fatalismo”.

Mais adiante:

“O céu é azul e mau”.

Segue:

“Todos os sentimentos se irmanam
-num motim-
e pouco se faz por si
e pelos outros...

 Não há porque lutar” (...)

Estão perdidos no deserto árido que são (...)

“Destino é o que se planeja”...

A seguir, trechos do poema “O Gato”:

“Vidraça de cristal
resplandecente em noite escura
és mulher
e brincas com os romances da vovó que dorme na cadeira
de balanço
feliz, porque os problemas do mundo não são teus,
e para ti não faz sentido a bomba de hidrogênio.”

Eu experimentava o verso livre e os temas que só agora, nos meus 20 anos, começo a dominar.

Eu projetava para os demais as minhas angústias e indagações, minhas convicções e perplexidades, como a buscar ressonâncias:

Conselho

Faze apenas o que te ordena
a vontade
porque nem sempre o branco é branco
o arrependimento
câncer
dos indecisos.

Era muito cerebralista, mesmo em relação a coisas tais como o amor e a amizade, onde age sempre a intuição.

Amizade distante

Percorri meu pensamento
os labirintos
à tua procura
era areia movediça
que engole as vítimas
e as esconde (...)

Assim também em “Lembrança”, esquematizando o amor, criticando o seu não enquadramento nos meus ideais:

“Viraste obra má
da semente que plantei

o solo é branco
e fugiste
da rota pré-estabelecida,
voas indiferente
a fome é tua.
O ventre de ouro
gera monstros, embora não compreendas
a metamorfose”.

Seguem trechos de “Ouvindo Mozart”:

“Estavas tão junto a mim
que não via
mas sentia tua respiração”.

“dançamos todo o outro dia
matizando o tédio que é meu.”

Do "Poema da Amada Nova", um trecho:

“beberei do sangue de teus lábios
distensão de mim,
e me completarás
e um todo será feliz”.

“Embora não compreendas, eu te amo,
castanha viva,
teus olhos ávidos, risonhos”.

Aqui já não funciona exclusivamente o narcisismo mas o “amor reflexo”, amor-complementação, amor-ideal, que mais tarde recebe o nome de “egoerismo”.

A partir de “Castanha Viva” (caderno inédito de poesias, quase todas desaparecidas ou rasgadas), comecei um período de sensualidades, como se usasse a poesia como via de escape à minha frustração diante do amor fugidio, como se a poesia fosse a realização do imaginável ou a pura “ruminação” do ato consumado.

confissão

o céu
 mandou exército
que me prendeu em casa
afago
 a cama que és
 onde dormimos.

rufião

lutamos bravamente
domei

sorrisos de criança
sufoquei
beijos são cadeias.

reflexão

vagamos a cidade
sem encontrá-la
a noite
celebra exéquias
contemplo o futuro
escrevendo idéias
num vôo
colocarei teu perfil
no meu destino
grilhões de ouro
serás escrava
como eu
haverá felicidade pois há vontade.

Em "Mar de Horas" e "Castanha Viva" eu deslizava minhas elucubrações intelectuais e sensuais, testando limites, num simbolismo patente.

“o trem corre
não levo malas”

como a dizer que me desligava de tudo.

os títulos: os títulos dos poemas em "Castanha Viva" já eram afirmações: "razão porque viver o momento este", "vício que és", "és razão por que estar assim", "avanças no futuro que és", "só pode haver um dois na adição".

outros temas: a temática era fluida e variada, ao saber das vivências e ocorrências: “a criança que contempla o aquário”, “A flor que é hermafrodita” e outros que você conhece daquela seleção de poemas que fiz para Mujica Láinez.

a criança que contempla o aquário

o verde azul da água lhe é bonito

o menor peixe parece com ele
olhos espertos medrosos atentos
querendo emancipar-se

-mamãe

por que os peixes
vivem presos em aquários?-

a mãe olhou o filho
sorriu:

- olha aquele
pássaro vermelho na gaiola (13.11.1958)

E havia a presença eterna do mar:

“o mar
eflúvio do mar na sua revolta verde
beijando o firmamento em linha reta”

*Da mesma época foram os poemas **concretos** **FORMATO** e **SPUTNIK** que você já conhece.*